

Rafael Vargas, uma poética de sensibilidade e honradez

*Quando Rafael Vargas González, que na poesia ostenta o nome de **Rafael Vargas**, me pediu que traduzisse para português alguns dos seus mais recentes poemas; e que preficasse esse conjunto de poemas com uma introdução à sua poesia, achei que não seria eu, provavelmente, a pessoa mais indicada para tal labor. É certo que, já em setembro ou outubro de 2014 eu incluía um estudo, necessariamente ligeiro, sobre a sua antologia LOS MOTIVOS DEL LOBO na coluna que então vinha desenvolvendo no Jornal do Algarve sobre os poetas algarvios e andaluzes; e que em fevereiro de 2015 tivera o orgulho de me ter sido pedido que apresentasse, em Aracena, terra que o poeta adoptou como sua e onde vive, a antologia que se seguiu a essa, EL VALOR DE LAS PALABRAS.*

E de uma a outra das antologias, resenhando as diferenças que a passagem dos anos e a maturidade pessoal e poética do autor necessariamente marcam à obra, retiro a mesma conclusão com que abria aquele artigo do Jornal do Algarve: Rafael Vargas, o poeta Rafael Vargas, é uma das mais persistentes vozes literárias andaluzas da actualidade. Persistente e digna. A sua poesia faz-se da sua vida; mas não de uma vida parada ou cinzenta ou molemente decorrida no tempo, não de uma vida sem sonhos como a daqueles cadáveres adiados que procriam, que Pessoa aludiu. A vida de Rafael é uma vida de luta, de busca, de solidariedade, de superação de todos os desânimos, de enfrentamento de todas as dificuldades. Homem da terra, nascido nos mais duros dos tempos, fazendo ouvir o seu choro inicial por entre os disparos com que o fascismo vencedor fuzilava a parte maior dos seus familiares —pela simples razão de terem pedido justiça e pão—, Rafael é um verdadeiro filho da cuenca minera.

Rafael Vargas, una poética de sensibilidad y honradez

Cuando Rafael Vargas González, que firma su poesía como **Rafael Vargas**, me pidió que tradujese al portugués algunos de sus últimos poemas; y que prologase ese conjunto de poemas con una introducción a su poesía, pensé que no era yo, probablemente, la persona más indicada para tal labor. Es cierto que, ya en septiembre u octubre de 2014 había realizado un estudio, necesariamente reducido, sobre su antología LOS MOTIVOS DEL LOBO en la columna que entonces venía publicando en el *Jornal do Algarve* sobre los poetas algarvíos y andaluces; y que en febrero de 2015 tuve el privilegio de que me pidiese presentarle en Arcena, tierra que el poeta adoptó como suya y donde vive, la antología que continuaba a esta, EL VALOR DE LAS PALABRAS.

Y de una a otra antología, reseñando las diferencias que el paso de los años y la madurez personal y poética del autor, necesariamente marcan la obra, mantengo la misma conclusión con que abría aquel artículo de *Jornal do Algarve*: Rafael Vargas, el poeta Rafael Vargas, es una de las más consistentes voces literarias de la actualidad. Consistente y digna. Su poesía se nutre de su vida; pero no de una vida estancada o cenicienta o inútilmente descolgada del tiempo, no de una vida sin sueños como los de aquellos *cadáveres aplazados que renacen*, a que Pessoa aludió. La vida de Rafael es una vida de lucha, de búsqueda, de solidaridad, de superación ante las adversidades, de enfrentamiento a todas las dificultades. Hombre de la tierra, nacido en los tiempos más duros, haciendo oír su llanto primigenio entre los disparos con que el fascismo vencedor fusilaba a la mayor parte de sus familiares —por la simple razón de reclamar justicia y pan—, Rafael es un auténtico hijo de la *cuenca minera*.

É dessa terra que nasce, e é essa a terra que nele se inscreve, indelével, para todo o sempre. Uma franja de terra e de homens, duros uma e outros, resolutos, que com pouco mais do que escopetas e velhas alfaias, com apenas carroças desengonçadas e coragem inaudita, enfrentaram os exércitos de Franco e de Queipo de Llano, desafiaram os expedicionários italianos de Mussolini, foram morrer pela liberdade e pela dignidade às portas de Sevilha, onde o rio linda com Camas e hoje uma lápide assinala esses heróis anónimos e forçadamente esquecidos pelo regime que se perpetua com outros rostos. Homens duros e corajosos que sofreram a morte, a penúria, o ultraje, o desapossamento do que era seu — e bem pouco era —, a ignomínia e a perseguição de uma Igreja de torturadores e fascistas; eis aí os progenitores e a terra que vêm nascer em 1939 este filho de mineiros, ele próprio mineiro também em seu tempo. O lugar foi Minas de Perrunal, na província de Huelva, devastada pela Guerra Civil e pela feroz sanha persecutória que se seguiu, com massacres indiscriminados, fuzilamentos constantes, prisões sem outro motivo que o ódio, a vingança e o terror.

Num cenário de morte, de repressão, de tortura e medo, sob a feroz ditadura do fascismo franquista e do fascismo-clerical da Igreja dos vencedores, os filhos dos vencidos são vencidos também; e lutam por sobreviver. Rafael foi mineiro, guardado, foi aprendiz de comércio, operário, assentador de lajes, sucateiro, empregado da indústria automóvel, funcionário público — e essa sua vida a construir-se em sobressaltos, em emigração, em luta permanente —, dar-lhe-á e dar-nos á a sua poesia.

Rafael Vargas *escreve uma poesia em tudo e por tudo filha legítima da sua vida. Mineiro não era, por então nesses anos de fogo, o melhor cartão de visita numa Espanha que a medo via, calada, a vingança sobre os derrotados. Ser mineiro ou filho de mineiros era partilhar de uma classe laboriosa que cedo afirmara os seus ideais republicanos;*

En esa tierra nace, y es esa la tierra que en él se graba, indeleble, para siempre. Una franja de tierra y de hombres, duros una y otros, resueltos, que con poco más que unas escopetas y viejas navajas, con apenas unos coches desven- cijados y un valor inaudito, se enfrentaron a los ejércitos de Franco y de Queipo de Llano, desafiaron a los expediciona- rios italianos de Mussolini, fueron a morir por la libertad y por la dignidad a las puertas de Sevilla, donde el río se orilla a Camas, y hoy una lápida recuerda a esos héroes anónimos y forzosamente olvidados por el régimen que se perpetúa con otras caras. Hombres duros y con coraje que sufrieron la muerte, la penuria, el ultraje y el despojo de lo que era suyo —y bien poco que era—, la ignominia y la persecución de una Iglesia de torturadores y fascistas. Estos son los progenitores y la tierra que vieron nacer en 1939 a este hijo de mineros, él mismo minero también en su juventud. El lugar fue Minas de Perrunal, en la provincia de Huelva, devastada por la Guerra Civil y por la feroz saña persecutoria que la siguió, con masacres indiscriminadas, fusilamientos constantes, prisiones sin más motivo que el odio, la venganza y el terror.

En un escenario de muerte, de represión, de tortura y miedo, bajo la feroz dictadura del fascismo franquista y del fascismo- clerical de la Iglesia de los vencedores, los hijos de los vencidos, son vencidos también; y luchan para sobrevivir. Rafael fue minero, guardó ganado, fue aprendiz de comercio, operario, solador, chatarrero, empleado en la industria del automóvil, funcionario público y esa vida suya —construida a golpes, en emigración, en lucha perpetua—, va a darle y a darnos su poesía.

Rafael Vargas escribe una poesía en todo y por todo, hija legítima de su vida. Ser minero no era, por aquellos años candentes, la mejor tarjeta de visita en una España que aún imponía, con el silencio, la venganza sobre los perdedores. Ser minero o hijo de minero era pertenecer a una clase traba- jadora que se había afirmado sobre los ideales republicanos;

e que fora e continuaria a ser por isso cruelmente reprimida durante anos e anos. Rafael comparte, na sua infância e na sua adolescência, essa sorte. Pobre, filho de pobres, derrotado, filho de derrotados. Na pele dos dias passam-lhe as mais duras agruras: a fome, a miséria, as represálias sobre os familiares e os vizinhos. Daí a necessidade, como tantos outros, de se tornar emigrante na sua própria terra. E assim lhe decorre a existência até os primeiros anos de adulto.

A anterior antologia Los motivos del lobo reúne a sua poesia publicada até 2006 —e nela se caracterizava bem, de forma límpida e diamantina, essa poesia saída de uma vida sofrida: Yo, Rafael Vargas,/ que ya en el preámbulo de mi ser/ fui tasado en treinta sueldos,/ —que es el salario de los puros— /despojado de pan y esperanza... (Las nanas del galeote, um dos livros que integram Los motivos del lobo)—. Eis, claro e frontal, o resumo de uma existência de combate, derramando-se na expressão poética. Expressão peculiar e pessoal, onde deambula o militante, o crítico literário, o homem de variadas leituras e variadas andanças, o admirador de César Vallejo, o amante da liberdade e da igualdade.

A nova Antologia, que reúne a poesia de 2006 para cá, a mais recente poesia, digamos assim, reflecte um novo estado vivencial do poeta. Homem profundamente implicado na questão social, cérebro e espírito e inteligência e corpo em que confluem as dores sociais, o combate antigo pela justiça e pelo direito de todos, Rafael dá-nos agora uma poesia que pensa os tempos que correm. Novos tempos, mas a figurar velhos tempos. Outros, ainda que com novas roupagens. Os direitos perdem-se. A corrupção alastra. A democracia fraqueja ante o poder desmesurado da banca, dos monopólios e dos grupos sem rosto. O voto deixa de valer, cedendo às chantagens dos bonzos financeiros e dos seus capatazes nos governos cada vez menos nacionais. Quem é eleito não encontra respeito; e é combatido por